

Os primeiros tempos

"Além do vento, há outra coisa que sopra..."

(Clarice Lispector, ao conhecer Brasília em 1960)

Tereza Cruvinel

Hei de me lembrar para sempre do vento dos primeiros tempos, vento fino e constante que embaraçava os cabelos e entrava pelos barracos, jogando poeira sobre as plantas dos engenheiros e a comida nas cantinas. Mesmo os que chegaram mais tarde hão de lembrar a coreografia dos redemoinhos vermelhos que abrigavam demônios no ventre agitado. Veio de onde essa lenda? De todos os lugares, de Minas, do Nordeste, daqui mesmo, deste canto de Goiás. Se algo mais soprava, Clarice, era aquela vaga vontade de voltar, vencida pela certeza de que não havia volta, viéramos para plantar e nos plantar aqui.

Os primeiros tempos vão além da cruz riscada, prosseguiram depois que a Cidade Livre brotou como uma grande alface no cerrado recebendo os homens que chegavam aos borbotões e, depois deles, as prostitutas em bando. Depois ainda da multiplicação dos prédios e palácios no virar das noites e do acender da primeira lâmpada. Dos primeiros tempos, não importa a data, ficaram para sempre o vento, o cheiro de madeira molhada e a lembrança da poeira vermelha que cobria tudo, muito antes dos tapetes de grama que foram vestindo o espaço, graças ao trabalho e a pesquisa de Osanan Coelho e sua equipe do DPJ. Roubo a memória alheia, a dos que chegaram antes e depois do desembarque numa manhã fria na Estação Bernardo Sayão, hoje em ruínas. Que estamos esperando para preservar aquele portal da chegada?

No começo de uma noite de 1960, próxima à inauguração, Juscelino desce do jipe para esquentar-se ao fogo com os peões nos barracões próximos ao cruzeiro, hoje o Memorial JK. O vento atiçava as chamas, lá embaixo a noite destacava as luzes, e o peão dizia procurando assunto:

— Pois é, presidente, a noiva cresceu e ficou pronta tão depressa...

— É, mas me pergunto se não a fiz para ela casar com outro...

Não ouvi essa história. Meu encontro com Juscelino foi na primeira grande manifestação política de que participei. Fomos da UnB até a catedral, onde ele era velado, para seguir em passeata até o Campo da Esperança protestando contra a ditadura.

Os outros, os dos primeiros tempos, só queriam chorá-lo e cantar o *Peixe-Vivo*, mas não perderíamos por nada o passo com aquela massa. A passagem está no livro de JK, *Por que construí Brasília*, escrito como defesa para seu julgamento eterno, embora hoje só tenha restado o preconceito no lugar do debate histórico sobre os custos políticos e econômicos da ousadia. No começo era o desprezo: o mar está tão longe, o mar, a praia e o ócio dos calçadões do Brasil costeiro. Faltam esquinas e botequins e o bulício peculiar que emana deles. O clima é seco, a alma urbana é fria. Cabeça, tronco e rodas. Tudo é poder, e fora dele não há salvação. Vive-se dele, por ele e para ele...

Não é fácil amar uma cidade à qual se atiram tantos defeitos. "O mar é o céu de Brasília", consolou-nos Lúcio Costa. Deixaram de falar no mar, nas carências urbanas, na indigência cultural, na precariedade dos serviços.

Esse tempo passou, fora o mar, nada falta aqui. Nem mesmo, infelizmente, as mazelas das grandes cidades, o trânsito, a violência, os bolsões de pobreza.

O preconceito trocou de discurso e metáfora nos tempos recentes. Brasília para eles já não é mais um erro histórico e político, é a grande prostituta, a colmeia em que todos se locupletam, o carrossel da corrupção que embala a todos, enquanto sugam a teta doce da mãe-Estado. É mais fácil para o outro Brasil projetar na cidade nossa vileza social coletiva, nossa corrupção endêmica, nossa irresponsabilidade plural. E como

nós, brasilienses, dos primeiros tempos ou dos tempos recentes, nunca respondemos ou protestamos, o estigma cresce.

Não é fácil amar Brasília, a fria, a distante, num país que não se orgulha de tê-la plantado aqui, onde só os lobos uivavam, para que a civilização dos caranguejos, o Brasil que vivia agarrado à costa, pudesse aposar-se de sua vastidão esquecida, empurrando a civilização costeira até a Amazônia. Ama-se uma cidade por seu presente e por seu passado. Podemos começar pelo resgate da história de Brasília, por sua valoração e divulgação, como melhor resposta aos que não sabem do que falam quando nos lançam preconceito e estigma.

TEREZA CRUVINEL, JORNALISTA, COLUNISTA DE O GLOBO, NASCIDA EM MINAS, VIVE EM BRASÍLIA DESDE A ADOLESCÊNCIA